

## FIXAÇÃO TERRITORIAL E AUTOSUSTENTABILIDADE DA ETNIA KRAHÕ

Emerson Ferreira Guerra(\*)  
Renata Oliveira (\*\*)  
Vânia Rubia Farias Vlach (\*\*\*)

### INTRODUÇÃO:

Considerando as condições atuais das aldeias indígenas em território brasileiro e suas dificuldades de adaptabilidade a um sistema econômico globalizado, esta pesquisa se propõe a fazer um estudo de caso da etnia *Krahõ* do ponto de vista dos obstáculos que seu território apresenta para a continuidade de sua existência. Atualmente, esses indígenas habitam uma região de cerrados no Estado do Tocantins, e enfrentam a implantação e expansão da agricultura moderna nas fronteiras do Bioma Cerrado.

Ocupam uma área de 320.000 ha de cerrados, entre as latitudes 8° S e 9° S e longitudes 46°54' W e 51°18' W, esse território é considerado a maior área contínua de preservação de cerrados do Planalto Central, e abriga uma população de 3.743 (três mil setecentos e quarenta e três) pessoas habitando 18 (dezoito) aldeias, conforme a mais recente contagem (ver mapa 1 em anexo).

A cultura *krahõ* baseia-se principalmente em uma intrincada rede de parentesco e na existência de duas metades do grupo; uma denomina-se *Katameje*, e essa é ligada à estação chuvosa, e a outra denomina-se *Wakmeie*, e está ligada à estação seca, o que revela a íntima relação deste povo com os fenômenos da natureza e sua sazonalidade.

De acordo com a historiografia brasileira, Os primeiros contatos dos *Krahõ* com colonizadores europeus foram registrados no início do século XVIII, no estado do Maranhão, quando habitavam a região do rio das Balsas e seus afluentes. Nessa região enfrentaram a penetração colonizadora juntamente com seus grupos co-irmãos, hoje denominados Canelas, *Krikati*, Gavião e *Apinaje's* que formam a família *Timbira*. Estes grupos foram gradativamente empurrados para o interior do território, até alcançarem o atual estado do Tocantins.

Os *Krahõ* são tradicionalmente coletores e caçadores, sendo considerados pelos antropólogos como semi-nômades. Atualmente, passam por um processo de sedentarização, forçado pela imutabilidade do território demarcado há quase 60 anos.

A fixação em um território e a conseqüente mudança de suas características básicas de subsistência geraram graves problemas de adaptabilidade a um novo sistema de vida com características sedentárias, e baseado na agricultura e criação de animais.

A ocupação das áreas de cerrados intensificou-se na década de 70, com incentivo do Governo Federal para implantar na região um sistema agroalimentar considerado moderno, com alto grau de mecanização do trabalho e altamente dependente do uso de insumos químicos. Tais métodos aceleraram problemas de desertificação dos solos (compactação e erosão), de maneira que esse Bioma natural passou a sofrer uma devastação violenta.

Esse modelo de ocupação dos cerrados, além de desalojar milhares de pequenos agricultores e índios de suas terras, que possuíam conhecimentos seculares adquiridos em sucessivas gerações, iniciou um processo de degradação genética de espécies de plantas nativas. Espécies milenarmente utilizadas pelos índios e absorvidas pelos pequenos agricultores, como inúmeras variedades de milho, amendoim, abóbora, cara, inhame, mandioca, batata doce, banana, etc, praticamente desapareceram, dando lugar a sementes híbridas e inadaptadas às condições naturais de solo e clima dos cerrados, gerando miséria e dependência tecnológica destes lavradores.

Diante do processo de modernização e tecnificação do sistema agroalimentar dos ambientes de cerrados brasileiros, por meio de incentivos governamentais a partir da década de 70, várias práticas e espécies da agricultura tradicional indígena, também adotadas por pequenos agricultores, perderam espaço para a expansão de monoculturas em extensas áreas, como é o caso do arroz e da soja.

---

(\*) emerson.guerra@bol.com.br

(\*\*) rre.oliveira@bol.com.br

(\*\*\*) vaniarubia@nanet.com.br

Estas políticas implantadas agravaram a precária realidade destes povos dos cerrados, comprometendo de forma fulminante a já frágil subsistência vigente nas aldeias.

Em 1994, a etnia *Krahô* destacou-se no cenário nacional e internacional pelo resgate de sementes tradicionais consideradas perdidas durante décadas. Estas sementes foram recuperadas por meio do CENARGEM, que é um arquivo genético da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), e reintegradas às aldeias, constituindo motivo de grande entusiasmo e esperança deste povo, impulsionando-o à novas tentativas de reencontro e preservação de traços perdidos de sua cultura milenar.

Este trabalho de recuperação de sementes constitui o segmento de um trabalho realizado pelo DEPIMA/FUNAI, denominado "Produção de Alimentos, Conservação e Uso de Recursos Genéticos na Terra Indígena *Krahô*. A principal meta deste trabalho é a melhoria das condições de vida e saúde dos *Krahô*, bem como a sua segurança alimentar.

No intuito de resgatar o Bioma Cerrado e as culturas a ele ligadas, o povo *Krahô* diferencia-se pelo trabalho de recuperação de sua agricultura tradicional; através de sua associação, denominada União das Aldeias *Krahô - Kapey*, que trabalha em prol do resgate de sementes e técnicas tradicionais de agricultura.

Este trabalho desenvolvido pela União das Aldeias *Krahô- Kapey*, vem se destacando no cenário nacional e já conta com o reconhecimento de órgãos internacionais no que diz respeito a um povo e seu crescente interesse em garantir a autosustentabilidade.

Para a concretização destes objetivos, a *Kapey* conta com a atuação de uma escola agroambiental denominada *CATXÉKWYJ*, que promove cursos que visam efetivar o resgate da agricultura tradicional destes indígenas, ao mesmo tempo que trabalha as questões ambientais referentes à reserva. Estes cursos são promovidos principalmente pela EMBRAPA, pela Universidade Federal de Goiás e por outras organizações governamentais e não governamentais.

Uma das atividades de maior notoriedade realizadas pela Associação *Kapey* foi uma feira de intercâmbio de sementes, e outros derivados. A primeira edição desta feira aconteceu em 1997, sendo que, em sua segunda versão, em 1998, foi contemplada com um prêmio de destaque da Fundação Getúlio Vargas, Fundação Ford e com o apoio do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) pela participação do programa de gestão pública e cidadania, com o Projeto "Recuperação da Agricultura Tradicional Indígena e de seus valores culturais"

Neste contexto, nosso trabalho se propõe fazer um acompanhamento dos êxitos e carências da busca pelas vias de autosustentabilidade indígena, o que é objeto de grande interesse de organizações políticas no Brasil e no exterior.

## **OBJETIVOS:**

### **Objetivo geral:**

O trabalho de pesquisa aqui proposto tem como principal objetivo acompanhar o papel desempenhado por indígenas, órgãos governamentais e não governamentais, indigenistas e antropólogos na reserva indígena *Krahô* no processo de aplicação de práticas auto-sustentáveis em áreas de cerrado e analisar os efeitos destas práticas em seu cotidiano.

Para tanto, definimos os seguintes objetivos específicos:

- Levantar as práticas de subsistência realizadas pelo grupo indígena *Krahô* atualmente;
- Identificar o que é produzido na reserva, e verificar se esta produção atende as necessidades da comunidade no decorrer do ano;
- Comparar a qualidade de vida nas aldeias onde são adotadas práticas alternativas de autosustentabilidade; e onde tais práticas não são utilizadas
- Avaliar a variação da base alimentar de duas famílias indígenas em aldeias diferentes no decorrer do ano;
- Identificar as alternativas alimentares nos períodos de entressafra,

considerados críticos nas aldeias;

- Analisar o efeito de ações externas na produção do grupo;
- Explicar a relação ambiental dos índios com o seu atual território.

## DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

A primeira parte do trabalho consistiu na escolha das aldeias a serem trabalhadas dentre as 18 atualmente registradas, levando-se em consideração as condições de acesso e aceitabilidade do grupo. Para isso contamos com laços já firmados com lideranças de algumas aldeias e da associação *Kapey*, bem como com indigenistas e organizações que trabalham na área.

Em reunião com todas as lideranças indígenas, caciques, vice-caciques e representantes da *Kapey*, ficou decidido, após a aceitação geral da realização do trabalho, que ficaria a nosso critério a escolha das aldeias e famílias a serem acompanhadas desde que, de uma forma geral, houvesse uma tentativa de se visitar todas as aldeias. Foi acertado, então, que seguiríamos uma divisão estabelecida pela própria comunidade a respeito das aldeias que são divididas entre as que estão mais próximas à cidade, e as que estão mais distantes e que são separadas por um rio denominado Riozinho.

As aldeias de atuação são: Aldeia Pedra Branca, que se localiza próximo à cidade de Itacajá, se constituindo um alvo maior dos projetos voltados à comunidade, a outra localiza-se do outro lado do Riozinho e é a denominada Aldeia Forno Velho e, de certa forma, tem seu acesso dificultado pelo rio e por este motivo não está diretamente ligada à atuação de projetos, estando, por sua vez, mais dependente da agricultura de subsistência (ver mapa 2 em anexo).

Para a escolha das famílias, usamos como critério o fato do chefe do núcleo familiar ter domínio da escrita e leitura tanto da língua portuguesa, quanto da língua *Krahö*, sendo, portanto, bilíngue, o que facilita a comunicação e obtenção de dados. O segundo critério foi o fato destas famílias não terem renda financeira, vivendo, portanto, na sua forma original de subsistência.

Atendendo a estes critérios, dois chefes de família se disponibilizaram, sendo que ambos atuavam na função de professores bilíngues nas suas aldeias há algum tempo atrás.

Da Aldeia Pedra Branca, será feito o acompanhamento do núcleo familiar de José Miguel "KON" *Krahö*. E da Aldeia Forno Velho, o acompanhamento dar-se-á no núcleo familiar de Nivaldo "KENKROC" *Krahö*.

A estas famílias foram entregues formulários a serem preenchidos semanalmente, com informações sobre a quantidade e a especificidade dos alimentos que foram produzidos, caçados, coletados ou adquiridos por outras fontes. Este formulário foi elaborado de modo a facilitar a compreensão do mesmo, contendo informações em português e na língua autóctone proveniente do Tronco Linguístico Macro-Jê. Estes formulários serão preenchidos inicialmente no período de onze meses. O material necessário, como pranchetas, questionários, lápis e borracha, foi encaminhado à disposição das famílias.

Os dados coletados serão atualizados trimestralmente por meio de trabalhos de campo, ou, quando for possível, por meio de contatos telefônicos com a associação *Kapey* que trata dos atuais interesses da comunidade indígena *Krahö*.

Através dos dados coletados, serão produzidos tabelas e gráficos demonstrativos para identificar os picos e períodos de maior estabilidade na obtenção de alimentos, bem como os períodos críticos ou de escassez total. Procurar-se-á traçar um paralelo entre períodos de safra e as condições sazonais.

Os outros membros da comunidade serão entrevistados informalmente, de modo que se possa fazer uma comparação entre as famílias diretamente acompanhadas e as demais, o que permitira compreender melhor a questão da subsistência da nação *Krahö*.

## RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÕES

A etapa inicial ocorreu com o primeiro trabalho de campo no mês de agosto de 2000. A primeira aldeia visitada para o trabalho foi Pedra Branca, onde pudemos observar a característica das roças e da produção familiar dos *Krahô*. Nesta aldeia, acompanhamos José Miguel “KON” *Krahô* e sua esposa a uma visita à sua roça onde pudemos fazer as seguintes observações:

Estas roças familiares são, geralmente, distantes da aldeia, ao contrário das roças comunitárias que ficam nas imediações das casas. As roças, inclusive a visitada, fica mais ou menos a cinco quilômetros de distância da aldeia, são de pequeno tamanho, (constituindo aproximadamente 1000 m<sup>2</sup>), e relativamente isoladas entre morros residuais, característicos do relevo local.

A escolha do local de implantação das roças contempla a busca de solos mais adequados à agricultura, sendo estes escassos na região dos cerrados, devido à sua arenosidade. Portanto, os lugares escolhidos estão geralmente localizados nas proximidades de ribeirões e de matas mais exuberantes, onde o solo tem maiores níveis de matéria orgânica e concentração de águas pluviais e fluviais. Estas roças tem curta duração, geralmente um ou dois anos no máximo, quando são abandonadas e transferidas para outro local. Desta forma, a antiga área reconstitui, em algum tempo a sua vegetação, não sendo passível de grandes impactos ambientais.

Este modelo de agricultura tem característica familiar. As famílias montam acampamento no local que serve de base para o manejo das culturas nos períodos que requerem maior cuidado. A localização restringe geograficamente o acesso às roças por estarem entre morros e matas de maior porte, ou seja, só se percebe a presença da área cultivada quando se está nela. Segundo alguns indígenas, os seus avós já cultivavam nestes locais e afirmam também que nenhuma área destas matas é completamente virgem, embora completamente reconstituídas. Este tempo condiz com o tempo de existência da Aldeia Pedra Branca, que é de aproximadamente 60 anos.

Outra característica destas roças, é o fato de serem cultivadas várias espécies de forma intercalada ou até mesmo integrada como no caso do esquema apresentado por Martinho *Krahô*, cantor da aldeia Pedra Branca, a respeito do formato de sua plantação na próxima safra do ano 2000.

De acordo com sua descrição, metade da roça seria composta de cana, abacaxi, abóbora e banana, plantados simultaneamente e a outra metade de arroz, mandioca, plantadas em faixas intercaladas. Como podemos observar no esquema a seguir:

**Desenho de uma roça da Aldeia Pedra Branca**

CANA, ABACAXI, ABÓBORA	ARROZ
BANANA, CANA, ABACAXI	MANDIOCA
ABÓBORA, BANANA, CANA	ARROZ
ABACAXI, ABÓBORA, BANANA	MANDIOCA

Fonte: Martinho Zezinho *Krahô*

Segundo José Miguel “KON” *Krahô*, os principais produtos cultivados pela comunidade são a mandioca, arroz, milho, feijão andu, fava, abóbora, cana, abacaxi, milho, cará e inhame.

Ainda de acordo com “José Miguel”, os hábitos alimentares de nossa cultura de características consumistas começaram a ser introduzidos na reserva em meados de 1960, com os próprios funcionários da FUNAI que trabalhavam na condição de chefes de posto indígena. Desta forma os indígenas tiveram conhecimento de produtos como arroz, macarrão, café, açúcar, sal, cachaça e outros. Em 1970, surgiram os primeiros enlatados, inclusive o leite em pó trazido oficialmente pela FUNAI para amenizar o quadro de miséria vivido pelo grupo. De certa forma, esta medida de se oferecer uma alimentação atípica à estas comunidades era necessária no contexto da época.

Atualmente, a FUNAI/Administração de Araguaína, ainda fornece mensalmente às famílias *Krahô*, uma cesta básica como auxílio em sua subsistência.

Mas estes alimentos introduzidos não suprem a carência alimentar dos indígenas. Pelo contrário, induz a males de uma nutrição deficiente como, por exemplo, obesidade, já perceptível em alguns membros da comunidade, ou anemias e desnutrição. A desnutrição também é facilmente identificada, principalmente em

crianças, quando estas estão com os cabelos desbotados e amarelos.

Conforme as observações realizadas no primeiro trabalho de campo, quando tivemos oportunidade de nos integrarmos completamente nos hábitos alimentares dos *Krahô*, as refeições diárias são geralmente compostas de arroz branco, que foi recentemente introduzido, macaxeira cozida ou farinha de mandioca. A carne, que sempre foi primordial em sua subsistência, agora é algo raro devido à escassez de caça na reserva, o que constitui outro ponto negativo na fixação territorial de povos antigos e de características semi-nômades.

O milho, é um item básico da alimentação indígena e por ser nativo da América do Sul, é perfeitamente adaptado a estes povos. Mas em ambientes de cerrados, este cereal não é cultivável o ano inteiro em condições normais de clima.

Para uma melhor compreensão deste quadro, apresentaremos a seguir uma tabela que mostra o valor nutricional dos principais alimentos consumidos pelo grupo atualmente.

#### Composição de alimentos por 100 gramas de parte comestível

	Calorias g	Proteína g	Lipídios g	Glicídios g	Fibras g	Cálcio mg	Fósforo mg	Ferro mg	V. B1 Mg	V. B2 mg	V. B5 mg	V. C m g	V. A mmg
<b>Arroz polido</b>	364	7,2	0,6	79,7	0,6	9	104	1,3	0,08	0,03	1,6	-	-
<b>Arroz integral</b>	357	8,1	1,6	76,6	0,9	22	250	2,0	0,36	0,06	5,2	-	-
<b>Milho, grão seco</b>	361	9,4	4,3	74,4	1,8	9	290	2,5	0,43	0,10	1,9	-	23
<b>Milho, grão verde</b>	129	3,3	0,8	27,8	1,5	8	113	0,8	0,14	0,07	1,4	48	-
<b>Açúcar refinado</b>	385	-	-	99,5	-	-	-	0,1	-	-	-	-	-
<b>Rapadura</b>	356	0,6	-	92,0	-	174	14	4,2	0,01	0,09	0,5	-	-
<b>Mel de abelha</b>	306	0,2	-	78,0	0,1	20	16	0,8	0,01	0,07	0,2	4	-
<b>Sal refinado</b>	-	-	-	-	-	253	-	0,1	-	-	-	-	-
<b>Café, infusão com açúcar</b>	51	0,9	1,0	13,4	-	10	14	0,2	-	-	1,2	-	-
<b>Aguardente</b>	231	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Batata doce</b>	116	1,3	0,3	28,6	0,9	31	37	1,0	0,11	0,04	0,8	31	300
<b>Cará, inhame</b>	135	2,3	0,1	31,8	1,5	28	52	1,6	0,05	0,03	0,5	12	2
<b>Mandioca</b>	149	0,8	0,3	36,0	1,0	37	46	1,1	0,06	0,04	0,7	39	2
<b>Fava, grão seco</b>	339	24,0	2,2	58,2	5,9	77	374140	6,3	0,53	0,30	2,5	6	10
<b>Fava, grão verde</b>	118	9,3	0,4	20,3	3,8	31	27	23	0,28	0,17	1,7	28	20
<b>Abóbora</b>	40	1,2	0,3	9,8	0,66	12	276	0,7	0,05	0,04	0,6	42	350
<b>Carne de caça</b>	143	20,4	5,7	1,2	0,7	128	200	4,5	0,18	0,24	4,6	-	100
<b>Carne de boi magra</b>	146	21,5	6,1	-	-	12	247	3,2	0,09	0,19	5,2	-	4
<b>Feijão, grão seco</b>	337	22,0	1,6	60,8	4,3	86	287	7,6	0,54	0,19	2,1	3	2
<b>Feijão, grão verde</b>	166	9,7	0,5	31,5	2,2	60	24	3,0	0,38	0,07	1,5	9	13
<b>Araticum</b>	52	0,4	1,6	10,3	3,8	52	24	2,3	0,04	0,07	0,6	21	50
<b>Buriti</b>	144	2,6	11,0	13,1	7,6	156	54	5,0	0,03	0,23	0,7	26	6000
<b>Caju</b>	46	0,8	0,2	11,6	1,5	4	18	1,0	0,03	0,03	0,4	21	40

												9	
<b>Mangaba</b>	43	0,7	0,3	10,3	0,8	41	18	2,8	0,04	0,04	0,5	33	30
<b>Pequi</b>	89	1,2	0,9	21,6	5,5	14	10	1,2	0,03	0,46	0,4	12	20000
<b>Coco macaúba</b>	243	4,4	13,8	27,9	13,4	199	57	0,2	0,14	0,09	1,0	28	23
<b>Banana da terra</b>	105	2,2	0,2	26,6	0,8	25	31	1,4	0,07	0,04	0,5	28	126
<b>Banana d'água</b>	87	1,2	0,4	22,2	0,6	27	31	1,5	0,05	0,09	0,6	8	27
<b>Banana maçã</b>	100	1,7	0,2	25,7	0,5	6	22	1,2	0,05	0,03	0,6	13	5
<b>Laranja</b>	42	0,8	0,2	10,5	0,4	34	20	0,7	0,09	0,03	0,2	59	13
<b>Limão</b>	29	0,6	0,6	8,1	0,6	41	15	0,7	0,06	0,02	0,1	51	2
<b>Manga</b>	59	0,5	0,2	15,4	0,8	12	12	0,8	0,05	0,06	0,4	53	210
<b>Mamão</b>	32	0,5	0,1	8,3	0,6	20	13	0,4	0,03	0,04	0,3	56	37

Fonte: *Jahui* - Boletim semestral do Museu do Índio de Uberlândia - ano 3 – volume 3 - 2000

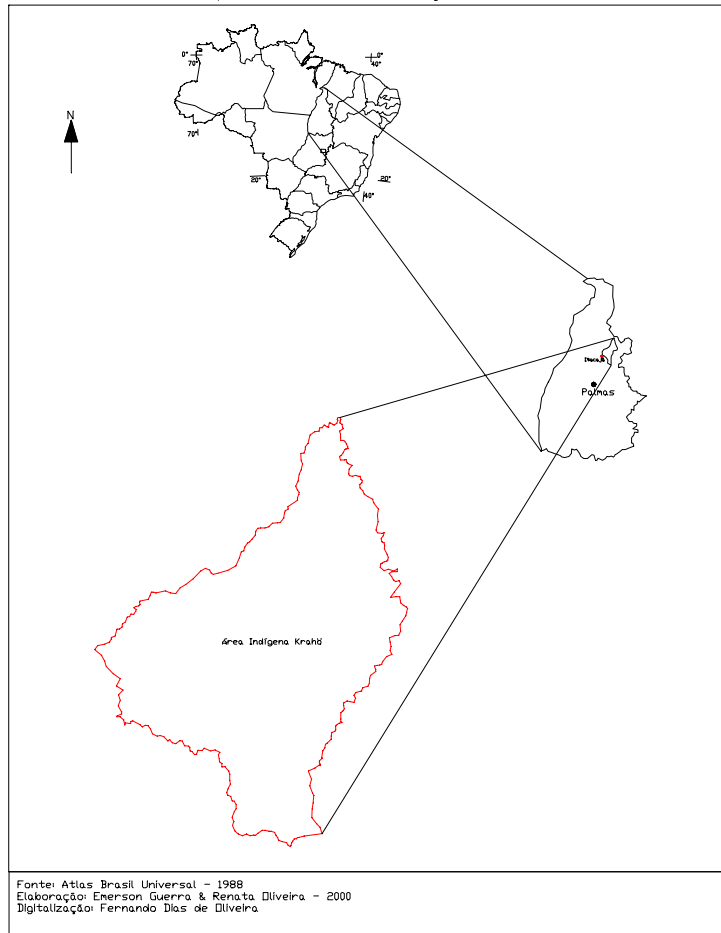
De acordo com os dados nutricionais apresentados, podemos perceber que a alimentação original dos *Krahô*, fornecida pelo meio ambiente local, constitui-se muito mais completa e adaptada às necessidades dos indígenas. Com a coleta de dados realizada durante a pesquisa, poderemos fazer uma análise da proporção em que os alimentos introduzidos são consumidos atualmente, frente à dificuldade de obtenção de alimentos pela agricultura, caça e coleta. Assim será possível a compreensão da atual questão alimentar desta etnia bem como de sua sustentabilidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- MELATTI, Júlio César, Índios do Brasil. São Paulo: Brasília: UNB HUCITEC, 1986.  
 RIBEIRO, Darcy. O Índio e a civilização; integração das populações indígenas do Brasil moderno. Petrópolis: Vozes, 1979.  
 CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado: Pesquisas de Antropologia Política. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.  
 LEVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. In: Antropologia Estrutural II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.  
 \_\_\_\_\_. As Estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes EDUSP, 1976.

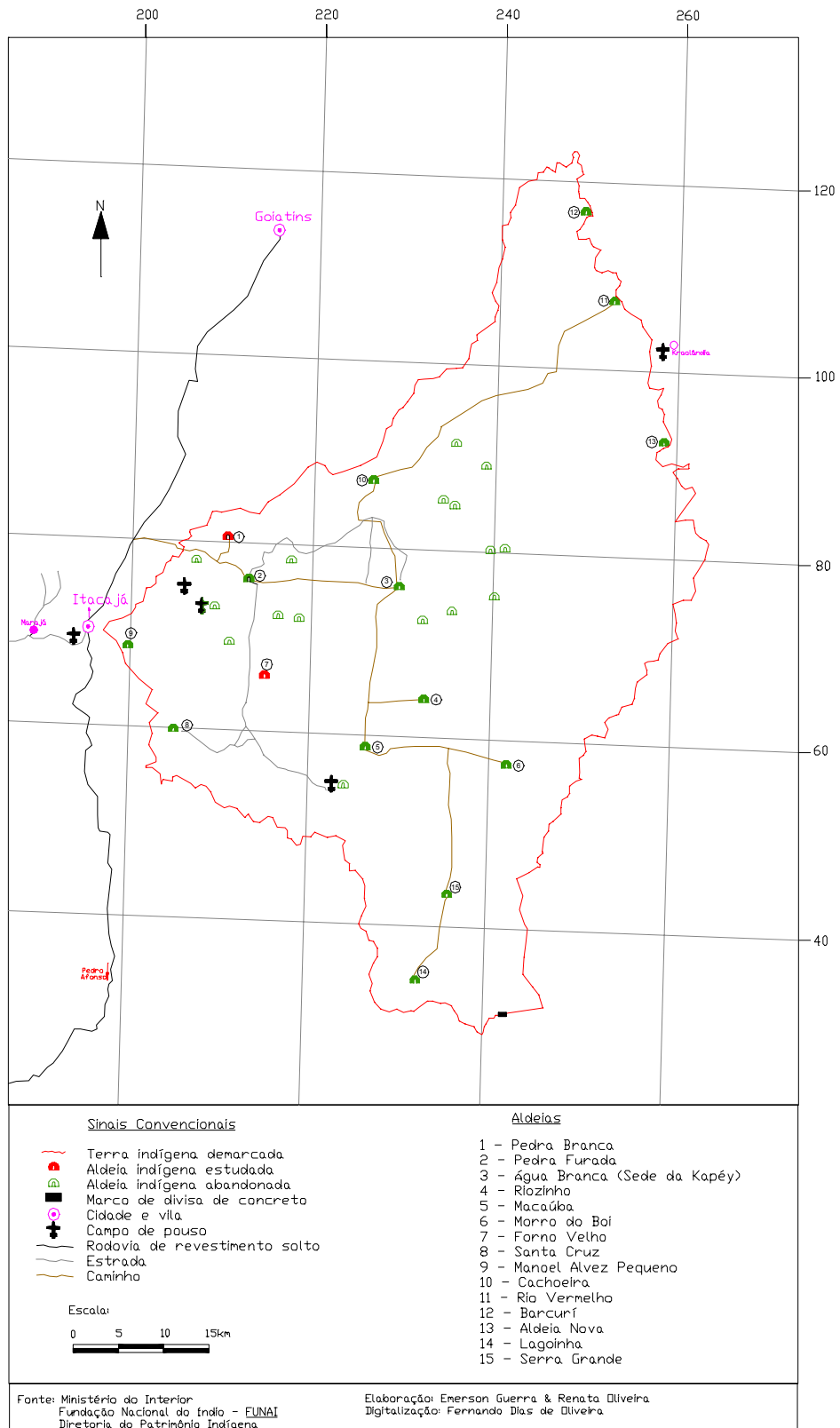
<http://www.funai.gov.br>  
<http://www.cimi.org.br>  
<http://www.socioambiental.gov.br>

Área Indígena Krahô / T.Ô.  
Mapa 1 - Localização



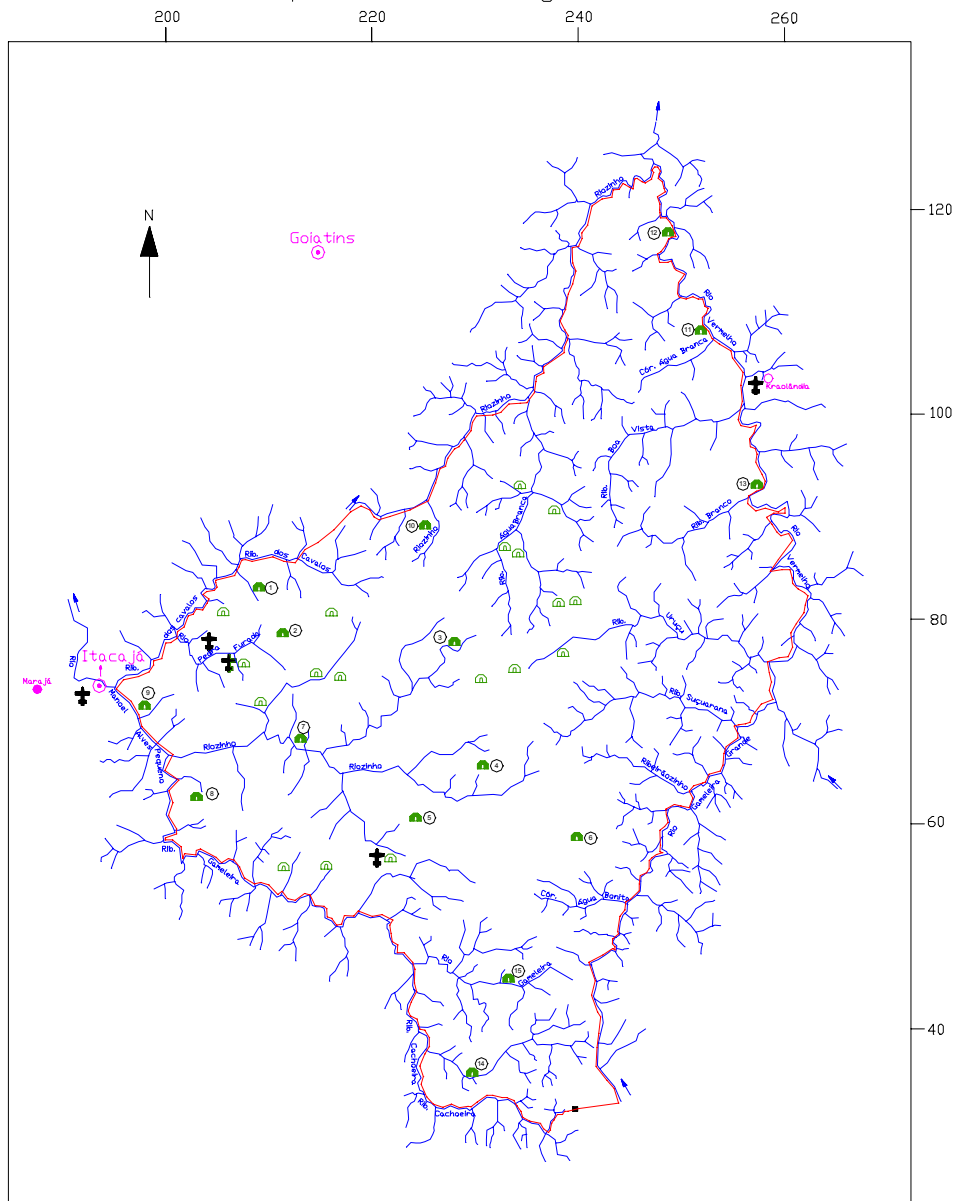
# Área Indígena Krahô

## Mapa 2- Circulação - 2000





# Área Indígena Krahö - T.D. Mapa 3 - Drenagem - 2000



### Sinais Convencionais

- Terra indígena demarcada
- Aldeia indígena
- Aldeia indígena abandonada
- Marco de divisa de concreto
- Cidade e vila
- Campo de pouso
- Curso d'água permanente
- Direção de corrente

### Aldeias

- 1 - Pedra Branca
- 2 - Pedra Furada
- 3 - Água Branca (Sede da Kapéy)
- 4 - Riozinho
- 5 - Macaúba
- 6 - Morro do Bai
- 7 - Forno Velho
- 8 - Santa Cruz
- 9 - Manoel Alvez Pequeno
- 10 - Cachoeira
- 11 - Rio Vermelho
- 12 - Barcurí
- 13 - Aldeia Nova
- 14 - Lagoinha
- 15 - Serra Grande

Escala:

0 5 10 15km

Fonte: Ministério do Interior  
Fundação Nacional do Índio - FUNAI  
Diretoria do Patrimônio Indígena

Elaboração: Emerson Guerra & Renata Oliveira  
Digitalização: Fernando Dias de Oliveira